

Apresentação

De acordo com o senso comum, o Brasil é um país sem memória. Uma longa tradição de queima de arquivos, que remonta à escravidão, caracteriza as elites brasileiras, sempre ocupadas com a interdição da memória histórica e o apagamento sistemático das provas de suas ignomínias. No que concerne a ditadura militar, por exemplo, apesar do grande volume e diversidade dos acervos existentes sobre o período, eles só se tornaram acessíveis aos historiadores depois de terem sido pilhados, retidos ou parcialmente destruídos. Parte importante da história do cinema nacional esvaiu-se em vinagre ao longo do século XX e as cinematecas existentes no país sobrevivem com dificuldades. A lei de depósito legal de cópias de filmes na Cinemateca Brasileira ainda se limita a obras financiadas com recursos públicos e a guarda da memória audiovisual da televisão ainda é majoritariamente controlada por grupos privados. Sem esse “lugar social de produção” que denominamos arquivo, nos termos de Michel De Certeau, não se pode escrever a história ou elaborar uma memória coletiva. Como, então, nesse cenário de insuficiência de arquivos que é o nosso, o documentário brasileiro pode intervir?

A partir de filmes brasileiros que retomam, de diferentes formas, as imagens do passado, o segundo volume do dossiê “Documentário e imagens de arquivo” da Devires relança, de um outro ponto de vista, numa escala nacional, o debate sobre a atividade mnêmica e historiográfica do cinema, problema já levantado no primeiro volume, no contexto mais amplo da produção internacional. Questões estéticas e políticas relacionadas ao tratamento cinematográfico das imagens já existentes são abordadas nos diversos artigos aqui reunidos, seja através do retorno a filmes conhecidos de Glauber Rocha, Eduardo Coutinho, Rogério Sganzerla ou Arthur Omar, seja por meio de obras mais raras, como as dos cineastas Luiz Alberto Sanz e Luiz Alberto Pereira, ou, ainda, levando-nos a descoberta de cineastas desconhecidos, como Arthur Pereira. As imagens retomadas pelos cineastas aqui presentes remetem a temas de inquietante atualidade, como o assassinato de líderes camponeses, o extermínio das populações indígenas e negras, e, é claro, o golpe militar de 1964 e seus desdobramentos. Além disso, esse

volume traz comentários acerca de dois documentos importantes da história das imagens em movimento no Brasil: o enterro de Di Cavalcanti e um plano de menos de meio segundo de Mário de Andrade, uma imagem única. O levantamento aqui proposto dos usos de imagens existentes no documentário brasileiro é, como se vê, modesto, em relação ao volume de filmes nacionais que desenvolvem a prática da retomada. Esperamos, mesmo assim, contribuir para o aprofundamento da discussão teórica sobre o assunto e aguçar o interesse pelos arquivos brasileiros e pelas escritas da história no cinema nacional.

Anita Leandro, César Guimarães e Julia Fagioli

